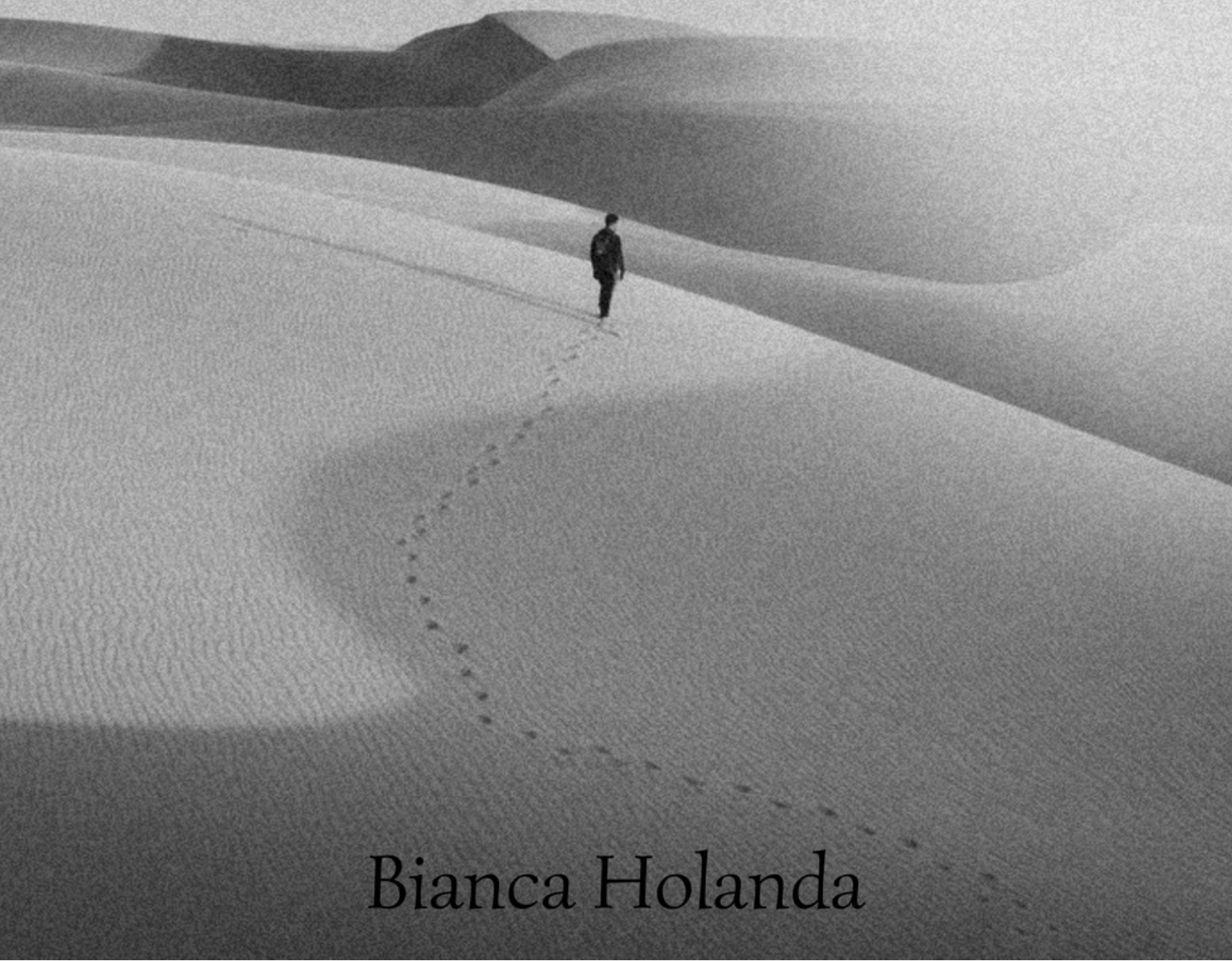


Ser no tempo



Bianca Holanda

Para Maria, que provavelmente não conseguiria ler as palavras aqui escritas, mas as quais eu jamais me importaria de ler para ela se tivesse mais uma chance para isso.

Este e-book foi escrito durante a quarentena, porque existem muitas coisas dentro de mim que eventualmente eu coloco para fora e pensei que poderia dividir com alguém, pois, apesar de considerar cada Ser único e saber que cada existência toca e é tocada de um jeito, no fim, saber que o outro sente pertinho da gente também ajuda. Então espero que goste. E, caso não goste, tudo bem, também. Meu ser-no-mundo vivencia diferente de você - e talvez seja por isso que eu, neste momento, me coloco a escrever sobre o que sinto, penso, ou vejo; não somos iguais, mas somos humanos. E, de certa forma, isso nos aproxima - a gente gostando, ou não. Gostaria também de enfatizar que aqui você poderá encontrar contos, crônicas, poemas, rascunhos, filosofia, psicologia, o Ser Bianca, o Ser Bianca Psicóloga e toda a autenticidade que ela é capaz de colocar nas coisas. E, por mim, está tudo bem.

Espero que para você também.

Sobre a Tempo

Ser e Tempo

Um dia eu estava-aí
Andando por qualquer lado
Olhando pra qualquer coisa
Pensando no meu passado

Me vi em completo terror
Lembrando de tantos erros
Chorando tantos desejos
E sonhos que não vivi

Pensei: "não tem mais jeito
agora so tenho medo"
E o peso do tempo mostra
Que o tempo tem que passar

E aí se eu não pego o medo
e desvendo os teus segredos
Não dá para apontar o dedo
E tentar me desviar

Porque o que há de mais azedo
Na terra de quem tem medo
É saber que todo enredo
Sou eu quem tem que aprovar

E se o tempo não é brinquedo
e escorre por nossos dedos
Pra não entrar em desespero
É preciso me entregar

E entender que o arvoredos
e as folhas do tempo vivido
Tanto mais tarde quanto mais cedo
Terão que se desmanchar

E aí é que dói bem dentro
Saber que mesmo doendo
Só quem pode aprender com o tempo
É quem sente o tempo passar

Tic-Tac

Todos os dias, às 6h00, o bip insuportável do relógio toca. Ela abre os olhos e, antes de qualquer coisa, se pergunta: é um dia a mais ou um dia a menos?

Levanta, coa o café, vai ao banheiro, toma banho, escova os dentes, se veste, pega a caneca de café, toma umas 3 antes de sair, e faz tudo isso de maneira tão espontânea que parece que nem sente mais os movimentos que acontecem em seu corpo, em sua casa, em sua mente. Só precisa estar na rua até às 7h00.

Atravessa três quarteirões à pé o mais rápido que pode, sente o celular vibrando no bolso, mas só vai olhar quando estiver no ônibus. Que dia é hoje? Não se lembra, ultimamente não tem tempo para se atentar tanto aos números do calendário. Mas eles estão lá, passando, lembrando-lhe todos os dias de que o ano está chegando ao fim. Um dia a mais ou um dia a menos?

No meio do caminho é cumprimentada por uma senhora desconhecida - pensa que é desconhecida, na verdade, pois não se lembra da senhora - mas corresponde com educação. Sua memória é outra coisa que não funciona muito bem, principalmente ultimamente com tanto trabalho. Se viu a senhora antes ou se não viu, talvez nunca seja capaz de afirmar.

Chega no ponto e o que temia - mas nem tanto - está lá: um monte de gente esperando o mesmo ônibus que ela. Isso não é incomum de acontecer. Mas precisa estar no escritório às 8h00, então torce para que se resolva rápido. O celular vibra mais uma vez em seu bolso e, antes de ela pegá-lo, o ônibus aponta virando a esquina. Ufa.

Lotado, cheio de gente, janelas fechadas que tornam o ambiente sufocante, mas é a opção que ela tem, então vai. Uma senhora se oferece para segurar sua bolsa, ela agradece e sente o alívio no ombro do peso a menos. Mas os ombros seguem tensos, como sempre. Não sabe se pela manhã ou pela noite estão piores.

O celular vibra mais uma vez, mas só poderá pegá-lo quando chegar no escritório, naquele ônibus lotado nem uma formiga seria capaz de atravessar entre as pessoas. 15 minutos se passam, seu ponto chegou. Pegou sua bolsa, agradeceu à mulher pela gentileza, e desceu.

Agora era só andar mais dois quarteirões e bater o cartão de ponto. Já estava na empresa há 6 anos, não sabia muito bem o porquê. Não era o que queria, nem o que gostava, mas era o que conseguira mais rápido e as contas precisavam ser pagas. Mas também não procurou por outras opções. Não gosta de lá o bastante para querer passar mais 1 ano, imagine 6.

Precisa mudar isso, decide mandar currículos e se matricular naquele curso que queria. Entra pelo saguão, bate o cartão de ponto e se questiona: um dia a mais ou um dia a menos?

Chega em sua mesa e já tem uma pilha de arquivos esperando para serem lidos e reorganizados por data e ordem alfabética. Essa não é sua função, mas não discute, discutir não ajuda. As contas precisam ser pagas.

O celular continua vibrando e ela decide que só o olhará no horário de almoço, guarda na bolsa. E começa o trabalho que deveria estar na mesa de outra pessoa, mas está na sua.

Isso faz com que sinta raiva, e a decisão de sair da empresa só vai criando uma comichão no seu couro cabeludo. Um dia a mais ou um dia a menos?

12h00, precisa ir almoçar, mas sua chefe precisa que participe de uma reunião com urgência. Sabe que se não sair para almoçar, só comerá na hora de ir embora, mas tudo bem, isso acontece com frequência.

Acompanha a reunião sem prestar muita atenção ou entender muito bem porquê está ali. Definitivamente, não é o seu lugar no mundo. Não é o que quer fazer para sempre. Mas ainda está ali, então colocará a culpa em quem?

Às 14h25 volta para a sua mesa, que tem mais caixas de arquivos do que quando saíra, e ela já tinha feito quase tudo. Uma onda de raiva e cansaço atravessa seu corpo, mas se senta, e recomeça o trabalho, em 2h35 estará a caminho de casa, e é a partir de o momento em que começa a contar os minutos para ir embora é que parece que o tempo para de passar.

17h00, pega suas coisas e sai pelo saguão, não sem antes bater o cartão de ponto. Respira fundo; um dia a mais ou um dia a menos?

Corre para não perder o ônibus das 17h20 e conseguir chegar em casa um pouquinho mais cedo, quem sabe hoje consiga assistir um episódio daquela série ou ler mais um capítulo daquele livro?

Consegue entrar no ônibus, mas parece que estava mais cheio que o da manhã. As janelas seguem fechadas e é inevitável pensar na proliferação de bactérias pelo ambiente. Olha para os rostos à sua volta e todo mundo está com a expressão de cansaço e desesperança. Um dia a mais ou um dia a menos?

Desce em seu ponto, atravessa os três quarteirões o mais rápido possível, chega no prédio. O celular vibra na bolsa, mas que inferno, por que está assim o dia inteiro?

Abre o apartamento e é recebida por aquele cheiro familiar, que não chega a ser bom, mas é cheiro de casa. Troca de roupa, toma um banho, coloca um miojo para cozinhar e se senta em frente à TV. Finalmente pega seu celular.

Inúmeras mensagens e ligações, mas não fazia sentido. Leu a primeira, de sua mãe: “Parabéns, minha querida! Te desejo muitos anos de vida, muita saúde, muitas bênçãos. Estamos com saudades, faz meses que não vem nos visitar, vem no natal! Te amo!”

Não consegue acreditar nas palavras que lê, e a cada nova mensagem fica mais indignada. Como pôde se esquecer de seu próprio aniversário?

Perdeu a fome e deixou a panela de miojo de lado. Ela amava fazer aniversário, era um dia sagrado, especial. Se pudesse voltar no tempo, teria vivido aquele dia de maneira completamente diferente.

Se pudesse voltar no tempo, teria feito muitas escolhas diferentes que provavelmente não a levariam a uma realidade em que a rotina não a permite sequer se lembrar de seu aniversário. Sente vontade de chorar, mas engole.

E se questiona, afinal de contas:

Um ano a mais ou um ano a menos?

Cecília

Sentado na cadeira de balanço na varanda, ficou observando enquanto os adolescentes chegavam das escolas. Alguns andavam em bando tal qual cachorros de rua, desgrehados, pulando um sobre o outro, berrando e rindo tão alto que tudo o que lhe restava era revirar os olhos e pensar “no meu tempo não era assim que se comportavam”. Mas a verdade é que se comportavam, sim, só com hábitos e assuntos um pouco diferentes. E roupas também. Mas ele não dava o braço a torcer. Vivera sua juventude na melhor época que já se existiu para ser jovem - e dizia isso com orgulho.

Lembrava-se dos bailes onde se arrumava ansioso para encontrar as belas meninas da cidade - lembrava-se também de que quase sempre voltava para casa decepcionado, pois as mais bonitas nunca olhavam para ele.

Então viu de longe a figura conhecida de pernas finas, pescoço comprido e cabelos desgrehados se aproximando, sozinho - nunca andava em bando - acelerando o passo sem olhar exatamente por onde estava andando, pois fazia o caminho todo dia, afinal. “As meninas bonitas também nunca olharão para ele”, pensou.

E lembrou-se de quando conheceu Cecília. Não poderia dizer que ela era uma mulher bonita, porque mulheres bonitas são aquelas que passam pelas portas e atraem certos olhares, mas Cecília tinha um certo charme, isso ele não podia negar.

Foi num dos bailes, o último que fora, pois já estava cansado de sair com os amigos cortejando garotas e ele sempre ficar sentado num canto esperando o momento de ir embora, apenas sendo ignorado por toda e qualquer criatura feminina que passasse diante dele, que uma presença se aproximou e sentou-se ao seu lado.

Ela tinha bochechas muito rosadas e um cabelo castanho cacheado que a faziam parecer uma criança a princípio, mas, no momento em que abria a boca, ou você se espantava e saía de perto, ou você se empoleirava para ouvir mais. Cecília falava. Falava muito, e muitas vezes muito mais do que o necessário. E não tinha pudor algum em suas palavras, dizia o que lhe vinha à cabeça e raramente se arrependia depois.

Ao se sentar ao seu lado, arrancou os sapatos dos pés, virou-se para ele e perguntou: “por que vocês podem usar sapatos confortáveis e nós temos que usar isso?” e levantou os sapatos para que visse.

Eram bonitos, de salto, mas, ora, ele nem a conhecia, não iria lhe dizer nada. Então apenas fez um sinal com os ombros.

Ela virou-se para frente e ficou em silêncio por pouco menos de 3 segundos, até que soltou “percebe como se comportam como um bando de animais?” Naquele momento, não pôde deixar de olhar para ela, e olhar além das bochechas rosadas e do cabelo desgrehado. Cecília tinha um rosto bem redondo, olhos pequenos, nariz pequeno, boca pequena, parecia que tudo estava pequeno demais num rosto tão grande. Mas era agradável de se olhar.

Principalmente quando ela sorria.

“Veja bem, andam em bandos: as meninas ricas não se misturam com as mais pobres, os meninos também. E aí tem as sub-divisões: os esportistas, os do clube de xadrez - você é do clube, né? -, os que só estão aqui para observar, os que só vieram arrumar confusão, as que são tímidas e ficam no canto interagindo entre si e olhando rapidamente para o resto. E estão todos caçando. É patético.”

- E o que você está fazendo aqui se acha tudo tão patético? - perguntou, querendo provocá-la, mas não esperava que a resposta viria na ponta da língua tão rápido quanto um carro correndo na pista:

“Ora, eu só vim pra arrumar confusão”, e riu.

Deste dia em diante, ele e Cecília se tornaram grandes amigos. Com o tempo ele percebeu que parte de seu humor ácido e inabalável era uma forma de se defender dos comentários que recebia frequentemente sobre sua aparência: estavam sempre falando de seu peso, suas bochechas, seus cabelos. Ele sabia que isso a entristecia, mas nunca questionava, deixava que ela desse suas respostas atravessadas e envergonhasse quem quer que tivesse tentado envergonhá-la. Ela definitivamente não precisava de ajuda.

Voltou sua atenção para o menino se aproximando da casa e deixou a lembrança das bochechas rosadas para trás.

- Onde vai com tanta pressa? A casa não sai do lugar, está sempre aqui.

- Me deixe, vô. - Renato falou e entrou correndo em casa, passando pela varanda como um foguete. “Vô?” pensou.

Cecília fazia isso: irrompia qualquer lugar como se estivesse prestes a tirar a mãe da força, andava tão rápido que às vezes era inacreditável que suas pernas curtas e grossas conseguissem sertão rápidas. Mas eram, e ele, quase sempre, levava um susto quando ela chegava assim. E sempre chegava com alguma novidade, alguma fofoca, alguma notícia, ou apenas alguma história de como queria muito esganar alguém - o que acontecia com muita frequência.

Virou-se para a casa e levantou da cadeira de balanço, sentindo aquela dificuldade rotineira de colocar os músculos para funcionar. Entrou pela sala e viu Bruna, sua filha, parada em frente à TV assistindo alguma coisa sem parar o que estava fazendo - que ele não conseguiu identificar, mas envolvia um negócio que chamam de tablet e que não se atreve a se aproximar. Essas coisas dão câncer.

- O que Renato tem, hein? Chegou mal humorado e quase voou para dentro de casa...

- Renato, pai? - Bruna parou o que estava fazendo e olhou para ele com atenção - o senhor sabe que Renato não mora mais aqui, certo? Sente-se aqui, vamos conversar.

Quis dar um empurrão na filha, mas sentou-se porque os músculos ainda estavam doendo do esforço de se levantar da cadeira. Mas estava bravo; ela estava tentando lhe fazer passar por doido?

- Renato já não mora mais aqui há uns 10 anos, pai, se lembra? Ele foi embora com a Suzana e os meninos, foram morar em outro país. Ele vem te visitar uma vez por ano, então a não ser que eu não tenha sido avisada, não tem como Renato ter entrado correndo pela porta. Quem entrou foi o Caio.

Ele então ficou em silêncio, tentando processar as informações que lhe chegavam como golpes na cabeça, algumas memórias iam e vinham, mas não ficavam, não se paravam tempo suficiente para que ele pudesse pegá-las.

- Ah, o Caio, é mesmo. Eu me confundi - mentiu. Não fazia ideia de quem era Caio, mas imaginou então que fosse quem ele achou que era Renato.

A essa altura do campeonato, já estava confuso demais para tentar argumentar. Prestou atenção em Bruna: pequena, cabelos castanhos cacheados bem longos caindo por sobre seus ombros, bochechas rosadas. Ela lhe lembrava Cecília.

- Cadê sua mãe? - perguntou - Está anoitecendo e ela não pode ficar perambulando pela vizinhança espalhando fofoca até tão tarde, é perigoso.

- Sim, pai, muito perigoso. Vou cuidar de encontrá-la para o senhor - Bruna disse, e ele percebeu seus olhos cheios de lágrimas ao se afastar.

Ora, estava todo mundo doido naquela casa?

O dia em que decidira pedir Cecília em namoro foi pior que o dia do pedido de casamento - ele não se lembrava de ter passado tão mal na vida, nem quando teve o infarto aos 45 anos. Isso se dava ao medo imensurável das respostas inesperadas que ele tinha plena consciência de que poderiam vir. Nada era certo com Cecília - quando a pedira em casamento, já namoravam há 5 anos, e ainda assim sua pressão caiu com medo dela dizer “não” e ir embora.

Mas ela nunca foi, e desde aquele baile se tornaram uma dupla que fazia sentido para eles, apesar de não fazer para os outros. O que o rapaz quieto e inteligente do clube de xadrez vira na gordinha mal educada e impertinente? As pessoas não costumavam se demorar em Cecília para conhecê-la e perceber que a pergunta deveria ser feita ao contrário: o que uma mulher de personalidade tão forte e tão corajosa vira no rapaz sem graça do clube de xadrez?

Olhou para a sala com atenção, sem olhar muito para a TV, pois também diziam dar câncer, e prestou atenção nas fotos espalhadas pela estante da sala. Era um monte de gente que ele não conhecia, por que aquelas fotos estavam na sua estante?

Até que a viu. Era uma foto bem colorida de Cecília sorrindo, as bochechas grandes e rosas como nunca antes vistas. E vestia um vestido de girassóis e estava toda extravagante, como sempre. A sala não tinha cor em volta daquela foto, porque toda a cor vinha dela. Ao lado de Cecília ele estava sorrindo, com a mão esquerda sobre seu ombro e no braço direito segurava um menino de cabelos desgrehados. Achou que talvez fosse o tal do Caio.

- Bruna, venha aqui. - chamou pela filha, que apareceu em uma fração de segundos, tão rapidamente que achou que estava vendo outra pessoa, e não Bruna - pegue aquela foto ali da sua mãe. Aquela ali em que ela parece uma alegoria de carnaval, deixe eu ver.

Bruna lhe entregou a foto e ele olhou atentamente todos os detalhes. Não reconhecia o tempo que a foto lhe mostrava passar. Cecília tinha mais cachos cinzas do que castanhos, linhas de expressão que envolviam seu sorriso irreduzível. Mas as bochechas rosas, os olhos, nariz e boca pequenos ainda estavam lá.

- Tem quanto tempo essa foto? - perguntou a Bruna.

- Bem, Caio tinha 2 anos quando tiramos essa foto, hoje ele tem 13, então, 11 anos. - disse olhando para o pai e ele percebeu que ela estava preocupada, mas não sabia com o quê.

- Entendi - ele disse, embora estivesse entendendo nada. Não fazia sentido ter tantos anos vividos assim e não se lembrar de nada - Já encontrou sua mãe? Ela está na Marta, com certeza. Falando mal da Marília, pois é só isso que ela tem feito ultimamente. Brigaram feio no último aniversário da Marília, até hoje sua mãe não me explicou o porquê.

- Pai, a mamãe não vai voltar para casa hoje - disse Bruna, sentando-se ao seu lado no sofá. Carregava em seu rosto uma expressão de cansaço, como se já tivessem tido aquela conversa muitas vezes - Ela ficou doente, se lembra?

- Então me leve ao hospital, preciso ver minha mulher. Por que ninguém me avisou que Ceci adoeceu? O que ela tem? - ele tentou se levantar, mas a filha, com os braços curtos, o impediu.

- Pai, a mamãe não está mais aqui com a gente. Já fazem 2 anos.

- Vocês puseram sua mãe num asilo? - e começou a sentir um ódio crescendo dentro dele que tomava conta de cada centímetro de seu corpo fragilizado pelo tempo que não vira passar.

Bruna começou a chorar, ele podia perceber o cansaço em seus olhos, mas não podia entender o que ela estava lhe dizendo. Mas parou por um segundo para lhe dizer que não precisava chorar, que era só se acalmar e lhe levar para ver Cecília. Ficaram em silêncio tempo suficiente para que, de repente, ele percebesse, ora bolas, estava mesmo ficando doido. Cecília estava ali sentada, na sua frente. Olhe os cabelos castanhos cacheados e as bochechas rosadas.

- Ceci, o que foi? - perguntou, abraçando-a - por que está chorando? Eu te fiz algo? Me perdoe.

Neste momento Caio entrou pela sala e viu a cena. Rapidamente entendeu o que estava acontecendo. Naquele momento, precisava ser Renato.

- Pai, deixe a mamãe sair um pouco pra respirar, vamos. Ela só está nervosa porque brigou com uma amiga e não quer conversar sobre isso, venha, vamos sentar lá fora - e puxou o avô pelo braço, até retornarem à cadeira de balanço na varanda.

Sentaram-se e ficaram em silêncio por alguns minutos que pareceram horas, até que Bruna apareceu e juntou-se aos dois.

- Ela se foi, não é? Mas eu não me lembro. Quantos anos eu perdi?

- Eu sei que não se lembra, pai. O senhor não perdeu nada, foram muito felizes, até o último segundo, mesmo que não se lembre disso.

Então ficaram em silêncio novamente, já não dava para saber se por minutos, horas ou dias. Até que ele disse:

- Vá buscar sua mãe, Bruna, deve estar fofocando pela vizinhança. Já é tarde.

Sobre a Angústia
e a Ansiedade

Pedido de Desculpas

O buraco no peito visita a vida da gente muitas vezes.
Às vezes ele traz o nó na garganta com ele.
Às vezes também vem acompanhado do frio na barriga.
Às vezes o suor frio também passa por nós, e até
a vista escura da pressão que caiu resolve aparecer.
Esses acontecimentos vêm acompanhados de
pensamentos acelerados, de medo, do peso que a
vida tem - e o peso que a gente sabe que tem na vida.
Porque não dá só pra deixar as coisas acontecerem,
a gente também precisa escolher.
E escolher dói.
Porque não dá pra saber o que ficou para trás quando
damos um passo para frente.
E é aí que o peso pesa.
A responsabilidade é toda nossa.
E quase nunca essa será uma frase reconfortante.
Mas é verdade.
Me desculpe por lembrar disso.

O abismo

Miguel estava andando pela beirada do abismo com os dois braços para trás, como quem caminha despretensiosamente. Chutou uma pedra em direção à escuridão e ficou prestando atenção, talvez conseguisse ouvir o som dela chegando ao solo e ter uma ideia de qual seria, mais ou menos, a altura. Nada.

“Então é fundo demais”, pensou.

Saiu de perto da borda aos poucos e foi se afastando, não o bastante para deixar de ver o abismo, mas o suficiente para enxergar todas as três pontes que estavam diante dele e que lhe poupariam uma queda no abismo sem fim, caso escolhesse uma delas.

O problema não era o abismo, e sim as pontes.

Onde elas acabavam não dava no mesmo lugar, cada uma tinha um corredor à sua frente, e ele sabia que, a partir de o momento em que escolhesse a ponte para atravessar, as outras deixariam de existir.

Voltou a caminhar, agora mais depressa, mas sabendo que não poderia prolongar portanto tempo a decisão. Um buraco se abriu em seu estômago e emendou com o que já estava no peito antes.

Não sabia o que fazer.

Se escolhesse a primeira ponte, jamais saberia o que as outras duas poderiam lhe oferecer. Se escolhesse a segunda ponte, jamais saberia o que a primeira poderia ter lhe reservado. Se escolhesse a terceira ponte, jamais saberia se seria tão feliz quanto seria se escolhesse uma das outras duas.

Voltou para a borda, olhou com bastante atenção.

Nada.

Sentou-se com os pés pendurados no abismo e começou a pensar nas escolhas que o fizeram chegar até aquelas três pontes. Se tivesse escolhido diferente lá atrás, talvez não estivesse aqui agora. Mas não pode afirmar nada, porque nada é certo. Ou é. Só não sabe.

Passou as mãos no rosto com força, como quem quer despertar de um sonho ruim ou estapear o próprio rosto para voltar à realidade. Mas esta era a realidade: um buraco do peito ao estômago, um abismo, e três pontes. Lembrou-se de alguns anos atrás, quando escolheu Diana ao invés de Clarice. Fora feliz, no início, mas Clarice nunca saiu de sua cabeça e isso tornava as coisas com Diana difíceis. E quando tudo começou a desmoronar e viu o mundo que construíra com Diana se desfazer aos poucos, foi inevitável pensar que, talvez, com Clarice aquilo jamais aconteceria. E então percebeu que o arrependimento existe porque vivemos escolhendo e que faz parte do viver escolher o que parece certo no momento, mas que depois deixa de ser. E como a gente sabe se o que é certo agora será errado depois? E que o errado agora será o certo depois? E que poucos têm a sorte de o certo ser o mesmo para sempre?

E existe certo e errado?

Lembrou-se de Clarice e de seus enormes olhos que pareciam ler sua alma tão fundo que, às vezes, ele até evitava olhar muito tempo para eles. Teria sido feliz com ela, pensa. Mas talvez não. Talvez não a tivesse feito feliz. Talvez o temperamento forte de Clarice o cansasse a qualquer momento, talvez a instabilidade de não ter certeza de nada o fizesse procurar por alguém como Diana. Ou talvez teria sido como ele sempre quis que fosse, mas não permitiu.

Olhou para o abismo e ele lhe encarou de volta como os olhos de Clarice, lia sua alma tão fundo que sentiu um arrepio na espinha. Muitos desejos, muitas opções, muitas incertezas, uma escolha a se fazer.

E assim Miguel ficou por um tempo, olhando pro nada e permitindo que seus pensamentos vagassem por lembranças, planos, pessoas, lugares, paisagens, tudo o que pudesse levá-lo para outro lugar que não aquele abismo e as três pontes. Mas ele sabia que uma hora teria de escolher. Mas não queria escolher agora.

Lembrou-se de procurar por Clarice algumas vezes e ser barrado em todas as tentativas. Não tê-la de nenhuma forma em sua vida era pior do que ter seu desprezo, e nem isso ele conseguira. E então começou a lembrar do porquê Clarice não fora a escolhida; instável demais, explosiva demais, intensa demais. Lhe causaria muita dor de cabeça, e na época não estava disposto a lidar com dores de cabeça. Hoje andaria com analgésicos dentro do bolso se fosse preciso para que a tivesse de volta.

Mas brigavam, se desentendiam, ela dava muitos passos à frente enquanto ele queria dar muitos para trás. Definitivamente não estavam no mesmo ritmo. Como poderiam ter sido felizes assim?

Ela lhe puxava pela mão e sorria e ele via sentido naquilo, mas não em tudo. Rápido demais. Olhos que leem fundo demais.

Não conseguiu lidar com ela. Será que hoje conseguiria?

Respirou fundo, já tinha a dúvida das três pontes para lidar, não poderia acumular mais uma.

Olhou para o céu. Estava anoitecendo, o azul se misturava com o roxo e o clima começara a esfriar. Não poderia ficar ali por mais tempo. Sentiu vontade de vomitar, a cabeça girando. Não sabia como poderia escolher sem saber como as coisas se desenrolariam depois. Isso era cruel demais, pensou.

“Mas é assim que somos jogados na vida” respondeu a si mesmo. Levantou, decidido a ainda não tomar nenhuma decisão, e foi caminhando em direção às pontes. Queria observá-las com cuidado, ver se sentiria alguma coisa diferente em alguma delas, se o universo lhe enviaria algum sinal dizendo que aquela era a certa. Já recebera sinais do universo, mas era cético, então não ouviu nenhum. Mas daria tudo para que recebesse um naquele momento.

A primeira ponte era de madeira velha, as cordas estavam gastas, e ela parecia estar lá há muito tempo. “Bom, se está velha e ainda está aqui, então talvez ninguém a tenha escolhido, certo? Não deve ser uma boa opção”, pensou. Mas, se mais alguém tivesse passado por ali como ele, e tivesse tido que escolher uma das pontes sem saber o que encontraria do outro lado, como a pessoa poderia saber que a ponte velha não era uma boa opção?

Caminhou mais um pouco e chegou à segunda ponte: essa era moderna, sustentada por barras grossas de ferro e o chão era de vidro. Ele a teria escolhido só pela estética, mas não era apenas isso que estava em jogo no momento. Atravessar não era o problema, mas o que quer que estivesse do outro lado. Deu mais alguns passos e chegou à terceira ponte. Ela era de concreto, simples, sem adereços ou informações que pudessem prender sua atenção por muito tempo. Era sólida e objetiva. Prática. Seria a escolha daqueles que não gostam de ousar, pensou.

Afastou-se das três para que pudesse vê-las melhor, agora com um vento gelado batendo em sua nuca e lhe lembrando que a noite chegara e que precisava ir.

Olhou para as pontes: eram diferentes demais, não recebeu nenhum sinal, não teve intuição alguma. Se há um Deus, Ele não lhe ajudou ali naquele momento.

Encarou as três pontes, da primeira à terceira.

Madeira velha, cordas gastas.

Vigas de ferro, vidro.

Concreto.

Pôs as mãos sobre os lábios, quase como se fosse rezar, e começou a pensar, já sentindo novamente o buraco no peito se espalhando por cada centímetro de seu corpo e tomando conta de cada fio de cabelo que existisse. Já não sabia se seus tremores eram de frio ou de medo.

A cada olhada que dava para cada uma das pontes era como se seu coração fosse sair pela garganta. Ninguém escolheria a primeira opção, e se ela quebrasse no meio do trajeto?

Mas e se não quebrasse

A segunda opção era bonita e lhe chamava a atenção justamente pela aparência, mas o que quer que estivesse do outro lado poderia não acompanhar a beleza do caminho.

A terceira opção era cinza - quase preta, ali sob o céu quase todo azul marinho - ele sabia que não correria o risco de ela se desmanchar no meio do caminho. Mas será que não era segura demais?

Respirou fundo mais uma vez, agora já tirando ar de onde não tinha mais como tirar. Fechou os olhos e deu de cara em sua imaginação com um par de olhos castanhos enormes que liam sua alma tão profundamente que lhe causou vergonha a princípio. Se demorou neles o tempo que gostaria de ter demorado mais vezes se tivesse tido a oportunidade, mas sabia que não podia enrolar mais. Aquele par de olhos lhe passavam certeza. E por esses olhos ele decidiu.

Seu corpo parou de tremer, o vento já não lhe incomodava mais.

Abriu os olhos, se despediu das outras duas pontes, e caminhou em direção à escolhida, sem jamais saber o que deixara para trás.

Raízes

Eu estou constantemente com a sensação de que tem uma planta criando raízes dentro de mim e que ela quer sair pelas minhas costas. Não é uma sensação boa, inclusive. É uma sensação horrível de ter seu corpo invadido por alguma coisa que não estava ali antes, e sentir essa coisa se espalhando, centímetro por centímetro, e não poder fazer nada à respeito.

A planta ainda não conseguiu sair para a superfície, e parece que quanto mais demora para ela conseguir, mais eu sofro com suas raízes indo cada vez mais fundo dentro de mim. Eu não tenho como cortá-la.

E as raízes estão afincadas, mesmo se eu enterrar minhas mãos dentro de mim, eu não consigo arrancá-las.

E eu sinto que eu já estou me tornando ela, porque eu não sei mais separar o que é a minha existência dessa sensação horrível que não me deixa em paz.

Eu vivo esperando qualquer coisa acontecer, eu não consigo dormir, eu sinto dores de cabeça, e acho que é o medo de um pulverizador chegar e matar a maldita planta. Como eu queria que ele chegasse e a matasse, mas ela está tão profundamente dentro de mim que eu consigo sentir medo por ela - por nós.

Eu já nem tenho espaço para a maioria dos sentimentos, porque eu estou muito ocupada sentindo ela se espalhar por dentro, sentindo ela me deixar mais assustada com qualquer movimento, sentindo alguma parte do meu corpo ter algum tique que não costumava ter, sentindo a minha gastrite atacar a cada refeição, sentindo a minha memória falhar com as coisas mais banais, sentindo meu sono se esvaír a cada noite, sentindo uma irritação que falta explodir dentro de mim, sentindo uma coisa no meu corpo que não me permite ficar quieta por dez minutos.

Eu nunca fui terra fértil para nada, ela não consegue entender isso.

Nós duas vamos acabar morrendo.

Sobre a Saudade

Quando alguém que a gente ama vai embora

A pior parte de tudo é que a vida segue. O mundo não para pra esperar a gente se recuperar. Os dias continuam nascendo, as pessoas continuam acordando, os compromissos e obrigações continuam lá. Tudo parece estar exatamente igual a antes, mas tudo está completamente diferente. E a ficha cai várias vezes ao dia. E dói todas as vezes.

E as horas continuam passando.

E a vida segue, mesmo que a gente não tenha condição de seguir.

A senhora Saudade

A Saudade? é uma velhinha bem gordinha, com cabelos muito brancos e idade desconhecida. A única coisa que se sabe é que ela já presenciou coisas demais.

Ela veste um casaco preto bem longo, que parece ser pesado e torna a sua figura, já encurvada pela idade, mais torta ainda, e ele é repleto de bolsos internos que são recheados das mais diversas armas de tortura. As armas mais perigosas do mundo, a Saudade tem.

Apesar de ser uma velhinha bem pequenininha, aonde quer que ela entre, sua presença é notada - e sentida.

Ela invade lugares, entra em casas sem ser convidada, se senta ao seu lado no banco do metrô sem falar bom dia, porque ela é assim; ela não pede licença, ela simplesmente impõe a sua presença e não há nada que possamos fazer para mudar isso. E se ela te escolher, não adianta tentar fugir, usar artifícios para disfarçar sua presença ou simplesmente sair de onde ela está. Aonde quer que você vá, a Saudade vai atrás.

Hoje ela está sentada aqui ao meu lado. Seus olhinhos marcados pela idade avançada me observam - ela é muito observadora. Faz parte de seu trabalho entender em quais momentos estaremos mais vulneráveis para que suas armas façam o estrago que são capazes de fazer.

Seu casaco está descansando sobre o braço do sofá e ela parece estar bastante à vontade, apesar de não dizer uma palavra sequer.

A Saudade não fala, eu nunca ouvi uma palavra sair de sua boca e ela está aqui em casa há bastante tempo. Mas ela sabe se comunicar comigo, ela consegue transmitir a mensagem. E a mensagem da vez é que ela pretende se demorar por aqui.

Quando ela chegou, já tomando conta do espaço e invadindo a minha privacidade, eu deixei bem claro que ela não era bem-vinda, e que seria um enorme favor que me faria se pudesse pegar suas coisas e ir embora.

Tudo o que ela me fez foi sorrir.

E desde então ela está aqui, irredutível e eu já desisti de expulsá-la. Ela vai embora somente quando ela quer e não há nada que eu possa fazer com relação a isso.

Ela não fala, mas é muito doce. Sua presença dá ao ambiente uma falsa sensação de lar, de acolhimento, de carinho. Mas não é assim que ela trabalha. Seus olhinhos quase brancos são atentos a absolutamente tudo, nada passa despercebido por ela, e quando eles me olham bem fundo nos olhos, mesmo eu jurando que ela não é capaz de enxergar nada através das manchas brancas, eu sei que ela está olhando as profundezas da minha alma.

Às vezes o seu olhar se demora no meu e ela consegue transmitir o que tem vontade. E eu choro, porque o trabalho da Saudade é mexer naquelas feridas que ainda doem, mesmo depois de tanto tempo.

Quando eu choro, ela me abraça. E quando nos abraçamos, eu desisto de lutar contra ela e permito que ela envolva seus frágeis braços em volta de mim, fazendo com que sua mensagem passe por mim de todas as formas possíveis. E aí eu choro mais. E ela me aperta mais. E aí dói mais um pouco, até parar de doer.

Ela anda repleta de cartas, objetos, fotografias, cartões postais, e é impressionante como uma figura tão pequeninha consegue carregar tanto peso por onde vai.

As Lembranças fazem parte do trabalho da Saudade, e são objetos de tortura porque machucam; às vezes ela se aproxima de mim silenciosamente e saca uma lembrança do casaco. E aí eu paro no tempo sem saber o que fazer com aquilo - só sei sentir. E dói.

Aonde quer que eu vá, ela me acompanha. Se dou cinco passos, ela dá cinco passos atrás de mim. No início, isso me deixava profundamente irritada com ela, mas agora eu ando mais devagar para que ela me acompanhe e vez ou outra dou meu braço para lhe servir de apoio.

A Saudade ensina muito. Ela tem uma vastidão de ensinamentos e, quando você aprende a deixar de odiá-la e começa a mergulhar nas profundezas de seus olhos brancos, você compreende que o papel dela não é só cutucar as feridas até elas sangrarem de novo. A Saudade quer que você aprenda a cicatrizar.

Hoje eu entendo porquê ela é tão gordinha: uma vez que você a aceita, você passa a alimentá-la muito bem - às vezes até com mais armas de tortura do que as que ela tinha antes de chegar. Eu a alimento com bastante frequência.

Ela já conseguiu me transmitir a mensagem de que eu posso ficartranquila e que um dia ela irá embora. E que posso escolher algumas Lembranças para ficarem comigo quando a hora de sua partida chegar. Sua única condição é que isso aconteça quando elas não forem mais torturantes para mim.

No início eu achava que precisava destruí-la de qualquerjeito, mas com o tempo eu fui compreendendo que a sua presença, ainda que incômoda, é necessária. E depois que percebi o quanto ela poderia me ensinar, ela passou a ter um outro significado para mim. Ainda não é minha visita favorita, mas entendo que ela precisa da sua estadia aqui tanto quanto eu preciso da presença dela. Ela tem me ensinado tanto que acredito que, a cada dia, eu esteja mais perto do dia de sua partida. Isso me alivia, mas também me entristece. A gente se acostuma com a Saudade, sabe? E pensar numa realidade sem ela é meio esquisito.

Ela acabou de me cutucar. Faz isso o dia todo, acho que é uma fonte de prazer, ou ela pensa que estou esquecendo que está aqui e precisa dar um jeito de me lembrar. Olhei para ela e, com aqueles olhinhos brancos, ela me sorriu. Pegou o casaco de cima do braço do sofá e tateou pelos bolsos. Lá vem.

Sacou uma foto e me entregou. Eu não quero pegar, mas ela insiste. Eu olho para a foto e, quase instantaneamente, meus olhos se enchem de lágrimas. Ela me abraça e eu apoio minha cabeça em seu ombro. Ficamos assim por um tempo, até que não há mais lágrimas para cair. Ela recolhe a foto, guarda no casaco e afaga minha mão.

E assim eu aprendo com ela todos os dias.

Sem café

Naquela casa faz muito frio, então Olívia dorme com o edredom cobrindo a sua cabeça e com meias nos pés que a incomodam durante a noite inteira - mas ela não as tira, porque sabe que elas lhe farão algum bem.

A chuva bate na janela e os dias são todos nublados, daquele jeito que ela detesta ver pela manhã, mas ela veio embora, porque viver aqui neste lugar que não suporta é mais suportável do que o vazio do antigo apartamento sem Caio. Mesmo com o sol que via todos os dias de manhã pela varanda enquanto ele insistia em ler o jornal de semanas atrás.

Ele quebrou a cafeteira dela e ela não funciona sem café, como fará agora para sobreviver? Ele já cansou de saber que ela fica dias sem comida facilmente, mas sem café não dá. Ela não acorda, não produz. Ela não vê e nem ouve sem seu café. Funciona quase como quando não tem Caio.

E ela já não o tem há tempo demais.

Ela poderia ter comprado outra cafeteira há muito tempo, mas ter algo fora de ordem em sua vida que fora desorganizado por ele, a faz suportar mais a coisa toda.

Modificar a rotina de trabalho foi tranquilo. Se acostumar a chegar nesta casa estranha e não ter ninguém com quem conversar foi que doeu. E ela deu o gato para a irmã de Caio, porque quem sabia conversar com o gato era ele, e o bicho nunca gostou de Olívia de verdade.

O gato também sentiu a falta de Caio.

Já tem alguns meses e até hoje ela não chorou por ele.

Olha, não significa que ela não o ame ou que a sua ausência não doa em seu peito, mas é que prefere desse jeito.

Caio sabe e sempre soube que Olívia é do tipo de pessoa que só chora em momentos felizes.

E sua perda jamais poderia entrar nesse quesito.

Sobre a
Liberdade

Ser-Livre

Eu, sempre que me imaginava livre, não sabia concretizar.
Seria no dia em que não precisasse mais trabalhar para alguém?
Seria no dia em que poderia escolher fazer o que quisesse?
Seria no dia em que poderia viajar para qualquer lugar do mundo?
Eu só não sabia que ser-livre também era sobre amarras,
E que a existência delas não me faria menos livre ou não,
Porque o que me faria livre era finalmente ter a consciência
De quais amarras eu iria querer sobre mim,
Quais eu não queria,
E poder escolher entre elas.

Epílogo

Se você leu até aqui, gostaria de agradecer por sua paciência, insistência e curiosidade.

Se você só pulou direto para o epílogo, agradeço a curiosidade.

Se você amou ou odiou algo que escrevi aqui, gostaria que me deixasse saber.

E quaisquer que tenham sido os sentimentos mobilizados em você por alguma das minhas palavras, quero agradecer por me permitirte tocar de alguma forma.

O sentido da minha existência está na troca que posso fazer com o mundo.

Este foi um pedaço meu.